

## SEBOS E O ACESSO A MEMÓRIA ESCRITA NA CIDADE DE FORTALEZA/CE: UM ESTUDO PRELIMINAR<sup>1</sup>

Aryanna da Costa Amorim<sup>2</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, as formas de comunicação foram sofrendo alterações significativas, de modo que, atualmente, apresentam-se de maneira quase instantâneas. Existe, hoje, uma variedade de possibilidades por meio das quais podemos adquirir informação, dentre elas, os documentos em suportes virtuais, digitais e impressos.

É indiscutível que os novos suportes, virtuais e digitais, estejam oferecendo ao leitor, estudioso e pesquisador novas possibilidades de acesso à informação. O ânimo e “euforismo” que causam atualmente são, provavelmente, do mesmo modo percebidos quando somos levados ao período, por exemplo, da invenção da imprensa.

As fontes impressas, sobretudo o livro, mas também jornais, revistas e etc, foram, durante muito tempo, responsáveis pelas maiores construções de conhecimento pelo homem. Porém, usar o verbo “foram” não nos parece apropriado para iniciarmos uma discussão acerca das fontes impressas na atual sociedade, pois mesmo com o surgimento de novos suportes informacionais, elas continuam exercendo o seu papel de disseminadoras de conhecimentos e ainda hoje, são procuradas pelo homem para compor as fontes usadas para a construção do conhecimento.

Assim, parece-nos adequado projetar o estudo para os lugares onde essas fontes impressas se encontram, como bibliotecas, centros de documentação, livrarias etc. Nesse contexto, selecionamos como objeto para a presente pesquisa os sebos,

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no XXVII Simpósio de História - Natal

<sup>2</sup> Bacharel em Biblioteconomia - Universidade Federal do Ceará - UFC

Mestranda em História - Universidade Estadual do Ceará - UECE

livrarias de livros usados, para pensarmos de que modo os mesmos têm possibilitado o acesso a memória escrita.

Os sebos, como lugares destinados à venda de livros usados e de outros artigos, foram pensados como objeto de estudo não somente pela sua pertinência no acesso ao livro e demais fontes impressas, mas também pelo papel que exerce no incentivo e na “alimentação” de leituras, por meio de práticas peculiares a essas lojas, como a troca, a consignação e o preço baixo para compra.

A história dos sebos é marcada por essas e outras peculiaridades, pela sua contribuição na “guarda” de uma memória que estaria, talvez, comprometida se não fosse a intervenção dos livreiros de livros usados, responsáveis por tornar essa memória acessível à muitos.

Sendo ao mesmo tempo um fruto de estudos anteriores e embrião de uma futura pesquisa, o presente artigo, tem por objetivo explorar, ainda que de forma tímida, a temática e objeto de estudo aqui apresentado, os sebos. Desejamos apresentar os sebos e estudar qual seu papel no acesso à memória escrita. O que, realmente, são sebos? Que peculiaridades podemos atribuir à essas lojas? Quem são os sebistas e o que eles nos dizem acerca do seu ofício? Os sebos ainda são importantes em uma sociedade que corre para a virtualização dos suportes informacionais? Queremos sensibilizar o leitor para esses questionamentos.

O presente estudo se justifica pela importância de estudos sobre a História do Livro e de fontes escritas, não apenas no âmbito dos registros do conhecimento, mas também da história contada a partir da paixão de leitores, levando em consideração os sebos como ambiente singular onde se guarda história, tradição e memória e onde se dinamiza o mercado, principalmente, de livros, possibilitando a recuperação não só de informação, mas de obras propriamente ditas, no seu formato impresso, impedindo que muitas destas sejam esquecidas e perdidas.

E por que a História do Livro? Faço minhas as palavras de Roger Chartier (2001) ao dizer e ao justificar o estudo e a pesquisa sobre a História do Livro atualmente:

Isto acontece em um momento em que os discursos mais comuns versam sobre a perda deste mundo de objetos: o livro impresso, ou das práticas, neste caso a leitura. Parece-me que a reflexão histórica ou sociológica ou filosófica que se dedica ao tema da leitura, do livro, dos suportes dos textos, pode ser vinculada a este presente talvez para corrigir os diagnósticos mais sombrios. (2001, p.19)

Diante do exposto o estudo sobre os sebos, lugares onde o livro impresso ainda é considerado como fonte inesgotável de conhecimento e possuem um valor não somente vendável, mas também sentimental, se torna relevante visto a sua importância em meio a uma sociedade que, pelo menos aparentemente, tende a valorizar muito mais o digital e o virtual do que o impresso e palpável. Dessa forma, os sebos, como um ambiente cujo seu produto de venda é dentre outros, obras raras, itens esgotados, obras fora de circulação no mercado de livros, se torna um objeto de estudo relevante visto o seu papel de guarda e de potencializador de leitura, através do livro e outras fontes impressas, em uma sociedade que tem caminhado em sentido a virtualização dos suportes informacionais.

Para basilar nossa pesquisa contamos com as fundamentais contribuições de Maurice Halbwachs e Jaques Le Goff, no tocante à Memória, Roger Chartier, com suas falas acerca da História do Livro, Walter Benjamin e José Mindlin, dando suas contribuições acerca dos bibliófilos, amantes do livro, principais frequentadores de sebos, e por último, mas, de maneira nenhuma, menos importante, Márcia Cristina Delgado, responsável pela sensibilização sobre a temática em seu livro *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Uso este livro como base não somente da pesquisa, mas de minha própria inspiração.

O princípio dessa pesquisa se deteve ao estudo dos sebos da cidade de Fortaleza, sobretudo, os localizados no centro da referida cidade, de forma que, passearemos um pouco pelo mercado de livros na Fortaleza antiga, para entendermos acerca do contexto.

## 2 SEBOS E MEMÓRIA

Acredita-se que falar sobre memória é falar da história do homem, visto que ela existe desde que o mesmo surgiu. Tudo é construído graças à memória e tudo é reconstruído também graças à memória.

Os gregos, na época arcaica, fizeram da Memória uma deusa, *Mnemosine*, que representava a memória pura, mãe das nove musas procriadas de nove noites passadas com Zeus (LE GOFF, 1994). Segundo Carelli e Monteiro (2007),

As musas eram divindades inspiradoras das nove artes: a música, a poesia épica, a História, a dança (e a dança com flautas), a poesia lírica, a tragédia, a comédia, os hinos sagrados e a Astronomia. Dessas artes, a relação (de genealogia da Memória) com a História fortaleceu-se de modo que se formou um vínculo forte 'quase' indefectível entre elas. (p. 7)

Percebe-se que, desde a Antiguidade, a Memória sempre esteve ligada à História, sendo, até hoje, muito importante para evocá-la.

Vale ressaltar que a memória assume variados significados em diferentes áreas e que essa temática é, ainda hoje, bastante discutida entre estudiosos, sendo primordial para as Ciências Humanas e Sociais. Nas subáreas da Ciência da Informação, a preocupação dos profissionais está ligada à preservação dos espaços destinados à memória, sendo, portanto, pertinente o estudo dessa temática (CARELLI e MONTEIRO, 2007).

Segundo Barros (2004), a memória é a evocação de informação, e esta, por sua vez, é “chamada de recordação, lembrança, recuperação”. Conforme Santos (2002, p. 143, *grifo nosso*) “Por ‘memória’ nós entendemos nossa capacidade de recitar um poema, beber um copo d’água, seguir um trajeto diário sem tropeços ou ainda *recordar fatos vivenciados no passado, e aprender através deles.*” Trazer à tona ou lembrar o passado talvez seja a definição mais simples de memória, embora para alguns estudiosos, como Halbwachs (1990), não seja possível a conservação intacta do passado, mas podemos, através de uma releitura, aprender com os fatos já vivenciados.

Nas sociedades antecessoras à escrita, a memória coletiva exercia um forte papel, estando ligada à idade coletiva do grupo, ao prestígio das famílias, a alguns saberes técnicos etc. A memória transmitida era adquirida através da aprendizagem e

repassada aos demais do grupo pelos homens-memória, normalmente “chefes de família idosos, bardos, sacerdotes” (LE GOFF, p. 429), que assumiam uma função muito importante de repassar a cultura, valores, crenças e manter o grupo unido. Vejamos o que Carelli e Monteiro (2007) nos dizem acerca dessas sociedades:

As sociedades consideradas orais são aquelas que antecedem a invenção da escrita, nas quais todo o saber era transmitido oralmente aos indivíduos por meio das narrações, ritos e mitos. Essa temporalidade utiliza-se, basicamente, da memória biológica para a conservação dos saberes. (p. 8)

A memória coletiva nas sociedades sem escrita, embora fosse repassada oralmente, não era uma memória “palavra por palavra” (LE GOFF, 1994), isto é, não estava amarrada aos fatos e acontecimentos tal e qual aconteciam, mas dava à memória certa liberdade, sem que isso implicasse, necessariamente, na narração de fatos falsos.

O esquecimento estava constantemente presente nesse tipo de sociedade, visto que, o que não era repassado, pela incapacidade do homem de lembrar tudo, era comumente esquecido e deixado para trás.

O aparecimento da escrita transforma significativamente a memória coletiva, pois agora a inscrição fazia parte dessa memória. Com a escrita, “os fatos poderiam ser registrados em suporte, não mais cabendo à memória humana a exclusiva função de reter e preservar informações” (CARELLI e MONTEIRO, 2007, p 10). Agora, não faz mais sentido “decorar”, mas preservar.

Assim, as grandes civilizações passaram a criar centros de memorização, arquivos, bibliotecas, museus. Centros estes que poderiam reunir e assegurar a recuperação da memória sempre que necessário, mas, sobretudo, dedicavam-se a preservá-la. “A escrita externaliza a capacidade de memorização do cérebro humano; e, aparentemente, tudo é possível de ser lembrado, uma vez que seja registrado e preservado” (CARELLI e MONTEIRO, 2007, p 12).

No período monárquico, o privilégio de acesso aos registros era apenas dos reis, “Memória real, pois os reis fazem compor e, por vezes, gravar na pedra, anais (ou pelo menos extratos deles) onde estão, sobretudo, narrados os seus feitos – e que levam

à fronteira onde a memória se torna ‘história’” (LE GOFF, p. 434). Antes que o conhecimento viesse a se tornar público, ele era de propriedade real.

Segundo Pierre Janet, citado por Le Goff (1994), o ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo, que possui função social e que está diretamente ligado à comunicação. Henri Atlan, ainda citado por Le Goff (1994), acrescenta esse pensamento aproximando as memórias das linguagens. Essa memória é a que nos interessa neste trabalho, a que possui esse ato (comportamento narrativo) como fundamental. A memória que envolve a linguagem. Primeiro, a linguagem falada e, depois, a escrita, que se transformaram em livros e que, até hoje, contribuem para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. A memória que saiu das limitações físicas do corpo e se faz presente nos outros. (ATLAN, citado por LE GOFF, 1972, p. 461).

A memória tem sido um assunto bastante estudado nos últimos tempos. “Estes estudos representam uma abordagem interdisciplinar e a tentativa de integrar, ainda que com ênfase distintas, as dimensões de ‘tempo’, ‘indivíduo’ e ‘sociedade’” (SANTOS, 2002, p. 145). As transformações, sobretudo advindas com as tecnologias da comunicação e da informação, têm causado uma crescente busca memorial, pois as formas de escrita, de leitura, as práticas leitoras e os tipos de leitores estão em constante mutação. “Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais” (HUYSSSEN, 2000, p. 9).

Percebe-se que, ao longo dos tempos, a memória registrada tem sido gradativamente substituída por uma memória artificial, de computadores e máquinas evoluídas, substituindo, em muitas situações, a memória registrada no suporte papel, marcante no cotidiano das sociedades escritas. A busca por esta memória tem sido alvo de muitas opiniões acerca do livro e das fontes impressas.

Os sebos tornam a memória escrita inacessível em acessível quando permitem o resgate de obras perdidas, pertencentes a um período longínquo, preservando o passado e permitindo a sua recuperação. “Andar pelos corredores de uma

loja de sebo é contemplar o passado junto com o presente” (LIMA, 2012, p. 1)<sup>3</sup>. José Ronaldo, sebista, citado por Delgado (1999, p. 90) declara que “os sebos evitam que grande parte dos livros sejam destruídos [...]”, diríamos mais, os sebos evitam que boa parte da memória registrada de um povo desapareça.

### 3 SEBOS: UM POUCO DE HISTÓRIA

Segundo o dicionário eletrônico *Priberam da Língua Portuguesa* (2012), “sebo” significa casa de alfarrabista. Este, por sua vez, significa pessoa que coleciona alfarrábios, isto é, livro antigo. Conforme o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010), “sebo” significa livraria onde se vendem livros usados. O nome sebo vem do tempo em que não havia energia elétrica, e as pessoas liam à luz de velas, sujando e engordurando os livros, surgindo assim os termos “ensebado” e “sebento” (DELGADO, 1999).

Segundo Delgado (1999), o termo “sebo” não é consenso dentro do mercado livreiro. Alguns sebistas (também conhecidos como alfarrabistas) não gostam do termo “sebo” nem “sebista” porque o julgam pejorativo, dando uma ideia de sujeira, vista a analogia que as pessoas tendem a fazer do termo.

Assim, sebo é o nome que ficaram conhecidas no Brasil as livrarias que vendem e trocam livros usados e raros, bem como DVDs e CDs usados. Os sebos têm oferecido aos amantes do livro não apenas a aquisição de livros raros e antigos, mas também o acesso ao livro por um preço mais acessível, bem diferente dos altos preços das livrarias que vendem livros novos. Conforme Delgado (1999) nos diz:

A importância dos sebos está no fato de serem espaços que, além de possibilitarem um preço mais acessível para o livro, permitem que se encontrem ali edições esgotadas, já fora de circulação do mercado, bem como livros raros e coleções valiosas. Os sebos permitem, ainda, outras formas de negociação que as livrarias de livros novos não utilizam, como troca e compra de livros.” (p. 53)

---

<sup>3</sup> Página atribuída pela autora.

É no sebo que os amantes do livro impresso têm encontrado as preciosidades antigas que contam histórias individuais e histórias coletivas. É em meio às prateleiras que se encontra o livro tão procurado e a leitura perdida. É nessas lojas que surge a possibilidade de investigar leituras alheias, bibliotecas descartadas (DELGADO, 1999), não apenas o livro raro, embora para Mindlin (1997, p.29) “basicamente, todo livro que se procura, e não se consegue encontrar, é raro”. Mas o que vem a ser livro raro? Vejamos como Rodrigues (2006) define livro raro:

Livro raro é aquele difícil de encontrar por ser muito antigo, ou por tratar-se de um exemplar manuscrito, ou ainda por ter pertencido a uma personalidade de reconhecida projeção e influência no país e mesmo fora dele (por exemplo: imperadores, reis, presidentes), ou reconhecidamente importantes para determinada área de conhecimento. (p. 115)

Os sebos permitem o encontro tanto do livro antigo como do livro raro, visto que a diversidade do seu acervo, proporcionada pela circularidade que os livros adquirem nessas lojas, aumenta a probabilidade do aparecimento desse tipo de livro. Cavaglieri e Steindel (2009) expõem:

Os sebos vêm suprir as necessidades daqueles leitores apaixonados pelo raro, pelo antigo, nos quais é nítida a alegria quando conseguem localizar livros raros, há muito tempo esgotados, só encontrados em sebos espalhados no mundo. (p. 57)

Para os colecionadores, os sebos possuem um papel muito importante no que diz respeito à aquisição de obras raras. As garimpagens e a caça às preciosidades são práticas conhecidas por famosos bibliófilos, como José Mindlin e Rubens Borba de Moraes. Além de colecionar e reunir, o bibliófilo é um estudioso dos livros. Benjamin (1987) ressalta:

Colecionadores são pessoas de extinto prático; quando conquistam uma cidade desconhecida, sua experiência lhes mostra que a menor loja de antiguidades pode significar uma fortaleza, a mais remota papelaria um ponto-chave. (p. 231)



O colecionador é um verdadeiro conquistador. “Só quando extinto é que o colecionador será compreendido” (BENJAMIN, 1987, p. 235). Diríamos que o bibliófilo é um tipo especial de leitor.

Os sebos despertam no imaginário popular a ideia do ambiente sujo, desorganizado, empoeirado, dentre outros aspectos que fazem parte do que se entende por sebos. Há quem acredite, porém, que esse aspecto é o que torna esses estabelecimentos ambientes singulares, e até os consideram importante e necessário. Vejamos o que Mansur (2007, p.5)<sup>4</sup> nos diz sobre o assunto:

O bom sebo não pode ter muita luz, tem que ser um pouco na penumbra. Também não pode ser muito limpo, bastando um espanadorzinho de vez em quando, para não sufocar os alérgicos. Também não devem ser muito espaçosos, as pilhas de livros precisam formar corredores e esquinas estreitos, fazendo com que o leitor se sinta literalmente (ou literariamente) cercado por livros.

Segundo Delgado (1999) o mundo que envolve os sebos é grande e complexo, “Nele encontramos desde livreiros proprietários que trabalham em seu próprio estabelecimento, livreiros que trabalham sem livrarias vendendo livros usados nas ruas e praças públicas, até livreiros que trabalham para outros livreiros, servindo de intermediários entres esses e as pessoas que se dispõem a vender livros avulsos ou bibliotecas pessoais.” (p. 50). Assim, encontramos diversas manifestações de vendas de livros usados, sendo a mais nova, o que conhecemos por sebo virtual, popularizados a pouco tempo no Brasil e que vem conquistando inúmeros adeptos.

Delgado (1999) ressalta em seu livro a importância dos sebos não somente para aquisição de livros, mas também, os considera lugares onde a “cultura circula” (p. 53), não somente sob a forma da memória registrada, mas também das relações humanas tecidas no interior da livraria. A autora menciona que os sebos são

espaços citadinos de sociabilidade [...] comportam uma pluralidade de apropriações, tradições e valores históricos sedimentados nas diferentes experiências de leitura de cada um. Cada sebo guarda sua própria história que, mesmo silenciosa, é possível de ser narrada e, numa rede de tessituras,

---

<sup>4</sup> Página atribuída pela autora.

pode-se contar a história desses espaços dentro do território urbano que os insere. ( 1999, p.53-54)

Pelo exposto podemos tatear um pouco o nosso objeto de pesquisa, bem como ressaltar sua importância e eficácia dentro de um contexto propício. Entendemos que através das suas diferentes manifestações, os sebos, ainda hoje, exercem um papel significativo no acesso a memória escrita e nas transformações sociais a partir da propagação da leitura.

### 3.1 O MERCADO DE LIVROS EM FORTALEZA

A partir de 1860, Fortaleza passou por inúmeras modificações, dentre elas o aumento populacional, que carregou consigo a necessidade de transformações econômicas e sociais. Transformações estas “cujas consequências ressoaram também na difusão da leitura” (SILVA, 2009, p. 20), pois o processo de modernização da cidade inaugurou portos, linhas de navios a vapor, meios de comunicação, dentre outras novidades que possibilitavam o intercâmbio tanto de informações como de produtos e artigos.

Com um porto em plena atividade, as linhas de navio a vapor, inauguradas nos anos de 1860, propiciavam a interação de mercadorias chegadas dos outros portos da província, de outras províncias e da Europa e dos Estados Unidos. Já as estradas de ferro, iniciadas no decênio de 1870, ligavam Fortaleza ao interior do Ceará facilitando a troca e disseminação das mercadorias chegadas pelos portos da Província. Na década de 1880, o telégrafo possibilitava um diálogo fundamental para as negociações. (SILVA, 2009, p. 20)

Pelo exposto, percebemos que o século XIX foi marcado por um avanço no processo de modernização de Fortaleza, na tentativa de acompanhar as transformações nacionais e internacionais. Nesse processo de modernização, estavam objetivos como estruturação das ruas, otimização nos processos de comunicação, higienização, sanitarianismo (SILVA, 2009) e ainda a instrução, que fez com que a leitura se tornasse uma prática cobiçada na época, pois o referido século foi marcado pela efervescência

cultural e intelectual, com o surgimento de agremiações, movimentos de produção editorial e lugares que possibilitaram um avanço nas práticas de leitura da cidade.

Segundo muitos autores, a segunda metade do século XIX evidenciava um período de efervescência cultural da Cidade. Os letrados – os quais atribuíam à difusão do saber uma condição imprescindível a fim de se levar à frente a concretização do processo de modernização – reunidos em agremiações, atuavam no movimento editorial de revistas, jornais, gabinetes e criação de escolas populares. Ao lado de ambientes privados, os espaços públicos de ensino e leitura – como o Liceu do Ceará (1845), a Biblioteca Pública Provincial (1867) e a Escola Normal (1884) – abriram caminho para o maior fluxo de leituras. (SILVA, 2009, p. 21)

Assim, foi em meio a tal contexto que o comércio de livros passou a ter espaço, tendo em vista a necessidade que a cidade, intelectuais, estudiosos e pessoas comuns sentiam em acompanhar o processo modernizador, buscando se diferenciar socialmente por meio da leitura e da produção editorial. Agora, o livro era procurado por ser um artigo capaz de transformar social e culturalmente as pessoas, sendo vendido não somente em livrarias formais, mas de diversas maneiras.

A venda de livros usados e até novos, atualmente, apresentam-se na cidade de Fortaleza como uma alternativa para a aquisição do livro impresso, seguindo uma tradição antiga na cidade, o comércio de livros. Segundo Silva (2009),

Ao se falar sobre os espaços de vendas de livros na cidade, alguns autores apontam o comerciante Manoel Antonio da Rocha Júnior como um dos primeiros livreiros de Fortaleza. O Sr. Rocha Júnior não optou por abrir uma livraria propriamente dita, e sim por usar sua loja de diversos, já existente, como ambiente onde, ao lado de uma diversidade de mercadorias, seus clientes também poderiam escolher livros. Dessa forma, sem que se apresentasse como dono de uma livraria nos anúncios, passou a atuar como livreiro, vendendo diversos tipos de impressos desde meados da década de 1840, antecipando os posteriores estabelecimentos que se reconheciam e se apresentavam na cidade como livrarias ou “lojas de livros”. (p. 27)

Assim, podemos observar que o comércio de livros em Fortaleza já podia, em 1840, ser percebido. Mesmo que não houvesse uma elucidação consciente desse mercado, como conhecemos hoje, já se vendiam livros, bem como já se alimentavam leituras.

Ainda no que Silva (2009) nos apresenta, vale ressaltar que, segundo essa autora, não existia uma especificidade de produtos nessas lojas em Fortaleza, isto é, não se vendiam apenas livros, mas também outros artigos, sendo os livros apenas mais um dos itens ofertados, o que, naturalmente, nos leva a pensar que, possivelmente, isso tenha sido herdado por alguns sebos, que, ainda hoje, vendem não somente livros, mas CDS, DVDS, etc.

As mercadorias que compunham o comércio livreiro eram diversificadas e as livrarias, enquanto espaços formais de venda dos impressos, ao lado dos livros e materiais de escritório, vendiam de tudo, sabonetes pomadas, imagens de santos, escova de dentes, etc. É fato que os livreiros se especializaram na venda de livros no decorrer do XIX, no entanto, mesmo com a aproximação do final do século, esses comerciantes não deixaram de lucrar com a venda de “quinquilharias” variadas (SILVA, 2009, p. 27).

E como se dava o comércio livreiro em Fortaleza no século XIX? A divulgação dos produtos pelos livreiros era feita de forma muito peculiar, por meio de anúncios de jornais. Acreditamos que isso acontecia devido ser este um meio de comunicação importante para época. Os anúncios, segundo Silva (2009), apresentavam uma variedade muito grande: artigos de papelaria, de higiene, produtos de limpeza, dentre outros, porém, mesmo existindo a venda desses produtos, o grande destaque que os livreiros davam era realmente para os livros. Por meio desses anúncios, os livreiros atingiam o público interessado em comprar tanto livros como demais produtos que apresentassem uma demanda e estivessem passíveis de serem comercializados.

Assim, a leitura, compra e venda de livros se difundiu em Fortaleza, possibilitando que o leitor que frequentava livrarias e tinha acesso aos anúncios dos jornais pudesse ter acesso aos livros vindos dos mais variados lugares, através dos meios que possibilitavam o intercâmbio de produtos com demais províncias e países.

#### **4 SEBISTAS: VOZES E HISTÓRIA**

Através de algumas entrevistas realizadas no ano de 2012, com sebigtas e clientes de sebigtas de Fortaleza, podemos compreender, um pouco, acerca da importância

[Digite texto]

do ofício dos sebistas para o movimento do mercado livreiro em Fortaleza. Dessa forma, ouviremos, ainda que pouco, as vozes desses profissionais, que nos permitem chegarmos mais perto e tatearmos o contexto em que nossa temática se insere.

Optando por ouvir vozes, muitas vezes, caladas, conversamos, em particular com dois sebistas, Geraldo e Richard, que possuem lojas no centro de Fortaleza.

Geraldo, sebista há quase quinze anos, iniciou o seu trabalho na venda de livros por não ter onde nem com o quê trabalhar: *“eu não tinha emprego, aí um colega me chamou uma vez “pra mim” ajudar ele vendendo esses livros, à noite, aí fui “mais ele”, eu tava desempregado [...] eu não tinha profissão nenhuma, semianalfabeto”*.

Geraldo começou vendendo livro no chão, na Rua Guilherme Rocha, e só depois de muito tempo, com a ajuda de um amigo, que era dono do jornal Estado, conseguiu uma banca de madeira, trocando posteriormente por uma banca maior de ferro.

Ao conversar com Geraldo, pudemos perceber que a venda de livros entrou em sua vida por ele não ter opções de trabalho, isso é perceptível ao se colocar como desempregado devido a ser semianalfabeto. Porém, com o passar do tempo, a venda de livros tomou um espaço grandioso na sua vida, e ele encontrou nesse comércio a saída para o fato de não possuir uma profissão formal: *“no começo foi pela necessidade, depois fui criando gosto [...]”*, e hoje Geraldo é conhecido por ser um sebista dedicado à venda de livros por um preço acessível, conhecido por muitas pessoas em Fortaleza, entre clientes, não clientes e demais livreiros.

Da mesma forma, percebemos que a venda de livros entrou na vida de Richard, livreiro do sebo A Casa dos Livros, também como uma necessidade de trabalhar, mas que o gosto e o prazer vieram logo após o envolvimento com esse comércio: *“[...] eu comecei por necessidade né, por trabalho. Gostei e não saí mais”*. E, ao ser interrogado sobre qual era a razão do início do trabalho em sebos, pelos livreiros, se era mais por necessidade ou por prazer de trabalhar com o livro, Richard mencionou que o lucro de livro usado é bom e compensativo, portanto, podemos dizer que, apesar das dificuldades existentes com a venda de livros usados, por exemplo em um país cuja leitura ainda se resume a uma temática apenas para propagandas e

programas ineficazes, porque mesmo com programas e propagandas de incentivo à leitura ainda não somos um país de leitores, a venda de livros ainda se apresenta como alternativa de trabalho e, na necessidade do livreiro, como uma chance de profissão.

Geraldo considera que a atuação do sebista é muito importante porque entende que o seu trabalho facilita a aquisição de informação pelo cliente, dependente de livros para estudo e pesquisa, por exemplo, e que não pode adquirir livros novos devido aos altos preços de livrarias convencionais:

*Tem cliente que chega aqui e agradece, homens e mulheres já bem de idade, compra livro barato pra poder se formar, isso aí é gratificante pra gente né! Tem muita gente que chega e diz “Aí, comprei muito livro a ele, passei no colégio, me formei”, isso é bom! (GERALDO)*

Da mesma forma, Richard também considera o seu trabalho importante, pois contribui “*para o crescimento da sociedade*”, na medida em que o uso do livro é, para a nossa sociedade, muito importante para o crescimento, social, intelectual e cultural do ser humano.

Ao conversarmos sobre a importância dos sebistas, com Brenner, um dos clientes entrevistados, ele nos falou que o papel dos livreiros é central para a dinâmica da venda dos livros, principalmente no que concerne à decisão do próprio sebista em vender os livros mais baratos:

*Eu acho que o papel dele é central, o exemplo do Geraldo, eu já cansei de dizer pra ele, eu já vi alguns livros em sebos aqui próximos bem mais caros, livro usado com preço de livrarias, inclusive com sebistas fazendo contato direto com a livraria para saber o preço dos livros, meio que vendendo pelo mesmo preço, e eu sei que, pelo menos aqui no Geraldo, sempre foi uma escolha dele, como sebista, vender livros mais baratos, com preços acessíveis, tanto para sobreviver, que ele acha que sobrevive por conta disso [...] ele acha que sobrevive justamente por isso, por vender livro barato. (BRENNER)*

Diríamos que, para além da importância do sebista como o profissional que vende livros baratos, e isso é indiscutivelmente a qualidade desse profissional que salta aos olhos, o colocaríamos como agente movimentador do comércio de livros. O profissional cuja função não se restringe somente à venda do livro, como objeto passível de compra, de venda, de troca, mas também o profissional cuja responsabilidade chega

[Digite texto]

ao nível dos sentimentos das pessoas, pois o amante do livro, por exemplo, ao procurar o sebista, vê nele não somente o vendedor, mas o detentor da realização do seu desejo íntimo: a compra, a posse, e isso é, de longe, mais profundo que a mera venda.

Desejamos com essas poucas falas sinalizar a importância desses profissionais para o nosso entendimento acerca das dinâmicas do mercado livreiro em Fortaleza, crendo que através de suas vozes, bem como de clientes, frequentadores, bibliófilos, poderemos compreender a relevância desse mercado para a cidade.

Como mencionado no começo desse artigo, este estudo ainda se apresenta como um embrião. Consideramos que através das falas aqui presentes, e de outras, ainda não apresentadas, e também com a ajuda, dos diálogos feitos até então e ainda por serem feitos com autores e estudiosos, poderemos, em um futuro próximo, visualizar a realidade dos sebos da cidade de Fortaleza, com suas histórias e suas tradições.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhando por trajetórias tanto históricas como sentimentais, podemos perceber no trabalho que os sebos, ao longo do tempo, vêm exercido um papel fundamental no acesso ao livro impresso, pois, por meio das suas estratégias de compra, venda e troca, muitos livros, dentre eles os que já estão fora de circulação, podem chegar às mãos de leitores e colecionadores. Isso só é possível porque os sebos têm se comportado como lugares onde a memória escrita, sobretudo os livros, podem ser acessados, pois estão ali, livros que não são mais editados, livros vindos de bibliotecas particulares e livros raros, vendidos a um preço muito mais acessível do que em livrarias convencionais. Essa identidade do sebo dá ao colecionador, ao leitor apaixonado, o ânimo de continuar garimpando à procura de preciosidades, que só são encontradas nessas lojas.

Constatamos, ainda, que a figura do sebista é essencial na dinâmica do acesso à memória escrita disponível para venda, e que ele tem, ainda, a sua importância pelos anos de dedicação a esse tipo de mercado, pelas obras que já permitiu serem

acessadas e adquiridas, e pela insistência de trabalhar na venda de um produto que, infelizmente, nem sempre é valorizado no nosso país.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Daniela Martí. A memória. **Comciência**. 2004. Disponível em: <HTTP://www.comciencia.br/reportagens/memoria/15.shtml> Acesso em 21 mar. 2012.
- BENJAMIM, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. **In: Rua de mão única**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARELLI, A. E.; MONTEIRO, S. D. Ciberespaço, memória e esquecimento, 2007. In: II SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - UEL, Londrina, 2007. (Published)[Conference Paper]. Disponível em <HTTP://eprints.rclis.org/handle/10760/13257> acesso em 21 mar. 2012.
- CAVAGLIERI, Marcelo; STEINDEL, Gisela Eggert. Um lugar para observar, conversar, ler, comprar livros e outros suportes de informação e lazer: uma análise dos sebos da cidade de Florianópolis. **Inf.&Soc.**: João Pessoa, v.19, n.3, p. 55-64, set./dez.2009. Disponível em: <HTTP://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/2170/3125> Acesso em 02 fev. 2012.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e História**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia sentimental de sebos e livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. 2011. Disponível em: <HTTP://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=aquisição> Acesso em 8 set. 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.



LIMA, Mariana. **Sebos** uma atividade que vai do antigo ao contemporâneo. **Uniter**. **Com:** a revista eletrônica do grupo educacional Uniter. 2012. Disponível em: [HTTP://revista.grupouniter.com.br/index.php?edicao\\_id=65&menu\\_id=394](http://revista.grupouniter.com.br/index.php?edicao_id=65&menu_id=394) Acesso em 24 mar. 2012.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros:** reencontros com o tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**. v. 19, n. 19, 2002. Disponível em: <  
[HTTP://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernossociomuseologia/article/view/370/279](http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernossociomuseologia/article/view/370/279)  
> Acesso em 21 mar. 2012.

SILVA, Ozângela de Arruda. **Pelas rotas dos livros:** circulação de romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.